

BOLETIM
Formação em Psicanálise

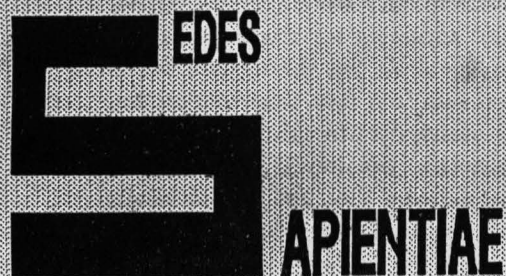
Ano I
Volume II
Maio/Junho
1992

INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE
BIBLIOTECA MADRE CRISTINA

09 OUT 2003

TOMBO Nº 220

213



BOLETIM

FORMAÇÃO
EM
PSICANÁLISE

ANO I
VOLUME II
MAIO/JUNHO

1992

I Editorial:

II Informes:

Cotidiano:

Subcomissões

Eventos

Publicações

120

Atividades:

Leituras:

ÓIA PRÁ VÊ!!!

RECORTANDO MAX PAGÉS:
CONCEITOS REDUTORES DA
RELAÇÃO EM FREUD E NA
PSICANÁLISE.

III Artigos:

"UMA ABORDAGEM FREUDIANA
À COMPREENSÃO DO
DESENVOLVIMENTO PSICÓTICO".

"AUTOEROTISMO"

I - EDITORIAL

"Seria necessário. ressaltar o fato de que uma nova descoberta que se conserva como algo inerte não é um valor: a originalidade consiste tanto em descobrir quanto em aprofundar, em desenvolver e em socializar, isto é, em transformar em elemento de cultura universal; mas precisamente nesses campos, manifesta-se a energia... que é coletiva, que é o conjunto das relações internas de uma nação". (Antonio Gramsci).

Pensando, no lugar de nação, o grupo e, por grupo, nosso grupo institucional de "fazedores" silenciosos da psicanálise e não feitos da instituição psicanalítica, um boletim como este serve ao aprofundamento e à socialização de nossa cultura individual, transformando-a em cultura grupal.

O que não significa a ilusão grupal da unidade absoluta, mas o reconhecimento de uma solidariedade alicerçada na solidão inexorável de cada membro, na consciência definitiva da individualidade e da separação irreversível. Significa a procura de um laço de união grupal realizado na separação sentida como angústia, na consciência do fracasso parcial inevitável na cooperação de indivíduos separados, solitários em seus afetos e idéias particulares.

Não significa também a busca da originalidade absoluta individual ou grupal. Esta pressupõe novamente um ideal de fusão e uma relação recusada, sabotando as possibilidades do indivíduo e do grupo em desenvolver seus conhecimentos dentro da vasta nação psicanalítica.

É neste espírito de solidariedade inspirada na solidão que aqui vai nosso segundo número.

COMISSÃO EDITORIAL.

II - INFORMES

COTIDIANO:

SUB-COMISSÕES:

EVENTOS

O curso: Formação em Psicanálise realizou as quatro atividades previstas para o bimestre, com boa aceitação e frequência. As reuniões foram produtivas quanto à troca de experiências clínicas diversas e de discussões teóricas.

As palestras de Maria Cristina Perdomo e de Marília de Freitas Pereira apresentaram incitantes questões referentes à prática psicanalítica. Desde as questões transferenciais e contra-transferenciais, até a complexidade da clínica da terapia familiar, tivemos oportunidade de pensar o lugar do analista.

O trabalho de Susana Alves Viana, baseado em sua tese de doutorado a respeito de contra transferência, trouxe elementos teórico-clínicos que confluem com o que foi debatido nas reuniões clínicas. Já Durval Mazzei Nogueira F^o apresentou, em sua reunião teórica, as principais idéias de Lacan, seguindo a trajetória deste na releitura dos principais textos de Freud, e delimitando o campo da Psicanálise.

PUBLICAÇÃO

. Estamos enviando novamente o Formulário de Assinaturas do Boletim - Formação em Psicanálise. Você pode assiná-lo pessoalmente no Sedes, secretaria de Cursos, sala 24 com Beth, Christina ou Célia- ou pelo correio, no seguinte endereço: Rua Ministro Godoi, 1484- sala 24 - Cep 05015/001

São Paulo- S.P.

. Lembramos que continuaremos recebendo trabalhos, comentários, reflexões, para os números 4, 5, e 6 do Boletim.

. O Boletim nº 3 será distribuído em setembro/1992.

. O Boletim nº 4, último deste ano e programado para novembro/1992, terá como tema central: "A Violência do Poder. O Poder da Violência.- Macbeth ". Trata-se de um projeto que visa discutir este tema tão atual, entre psicanalistas e literatos, ao nível de palestra - debate e textos no Boletim. Se estiver interessado em participar deste projeto-debate, envie seu trabalho, ou entre em contato com a comissão.

ATIVIDADES:

. Dando continuidade às atividades do 1º semestre de 1992, temos mais duas reuniões no mês de junho.

Na reunião clínica, a presença do Dr. Gilberto Safra, docente da USP e da PUC, apresentando o trabalho "Momentos mutativos no decorrer do processo psicanalítico - uma perspectiva Winnicottiana.

E na reunião teórica, a colega, psicanalista e escritora Eliane M.A. Fonseca, apresentando o tema: "A palavra in-sensata: o estranhamento e as formas do conhecimento afetivo".

Para viabilizar a continuidade das atividades, pedimos a colaboração de CR\$ 6.000,00 para cada encontro.)

. GRUPOS DE ESTUDO:

1. Suzana Alves Viana dirige o grupo de estudos sobre contratransferência, tendo como fio condutor sua tese de doutoramento:

"Da contratransferência à contra-transferência: reflexões à partir da clínica". O grupo já está em andamento, tendo como duração prevista 4 meses de estudos, com frequência quinzenal. Contatos com Suzana - Tel. 829.8761/820.5586.

2. Durval Mazzei Nogueira Filho organiza grupo de estudos sobre o tema " O Freud de Lacan", baseado no trabalho apresentado dia 18.05.92, no Sedes. O Grupo deverá ter início em agosto/92, e os interessados deverão entrar em contato diretamente com ele, pelo telefone: 62.5716.

3. Marília de Freitas Pereira e Clélia Guimarães Maia iniciarão um grupo de estudos a respeito de " **Psicoterapia Familiar na abordagem Sistêmica**", em seus aspectos teóricos e clínicos.

O grupo terá início em agosto, com frequência quinzenal, às terças-feiras (2ª e 4ª terça-feira de cada mês), no Sedes.

As pessoas interessadas devem telefonar para Marília tel: 813.5069 ou Clélia Tel: 572.0889.

4. Comunicamos que em Agosto se dará a primeira reunião do grupo de trabalho a ser constituído sobre o tema: "Fundamentos de Linguagem no Ato da Interpretação e Na Praxis Analítica" coordenado pelo psicanalista José Roberto Olmos, pós-graduando em Filosofia na USP na área de psicanálise.

O projeto de trabalho visa, através de aulas expositivas e abertura de discussões, cotejar referências fundamentais em FREUD, KLEIN, LACAN E ROSOLATTO com instrumental da Semiótica e Linguística analisados nas produções recentes de Umberto Eco. (Frequência quinzenal, duração 4 meses).

Contato para informações diretamente com José Roberto Tel: 255.1974.

LEITURAS:

TEMA: ÓIA PRÁ VÊ!!!

Este texto, que lhes apresento, é um texto que discute um pequeno trecho do pensamento de Lacan: o tema do olhar.

É um texto que faz um recorte muito específico, de um campo muito específico. Para aqueles que puderem se interessar onde me apoio bibliograficamente para discutir " o olhar" em Lacan, sugiro a leitura do Seminário 11, capítulos VI, VII, VIII e IX, Zahar Editores, 1979.

É bom que se saiba também, que a inspiração que me serviu de guia nesta leitura é uma inspiração totalmente kleiniana. No entanto, ela (Klein) que é confundida com a teorização psicanalítica que

fala da "presença" e não da "falta", está totalmente esmaecida, dissimulada: está presente como condição feminina; está, mas não se afirma, está, mas não se encontra. Já pude dizer um dia: "A morte é o feminino da pulsão".

Devo ainda dizer que me foi muito divertido escrever este pequenino ensaio, mas não creio que seja divertida sua leitura para aqueles que não tiverem um certo contato, principalmente com os textos de Jacques Lacan.

Para servir como roteiro prévio de leitura, antecipo, que este trabalho tem três eixos: a) o eixo do desejo e da língua-linguagem, que é o eixo lacaniano; b) o do cógito, que repudia o sensível e transforma a consciência em uma álgebra, este é o cartesiano, e, por fim c) o eixo do corpo, não como o real puro, pelo contrário, o corpo como sensível, sensual, sensorial, o corpo da embriaguez alucinatória mediadora mundana entre o estático do real e a pureza angelical e higiênica do simbólico; este é o kleiniano, aquele que não está presente, mas 'taí'.

Em um texto de Adauto Novaes⁽¹⁾ encontra-se uma linda citação de um trecho do texto-poema "L'oeil vivant", de Jean Starobinski: "Se as paixões se excitam no olhar e crescem pelo ato de ver, não sabem como se satisfazer; o ver abre todo o espaço do desejo, mas ver não basta ao desejo. O espaço visível atesta ao mesmo tempo minha potência de descobrir e minha impotência de realizar. Sabemos o quanto pode ser triste o olhar desejante".

Creio que esta citação coloca de forma muito precisa e simultânea a íntima relação entre olhar e desejo, e coloca também uma clara relação entre a melancolia e a tomada de consciência. O desejo se debruça sobre o apetitoso e "ingênuo" campo da memória que o objeto ausente engendra; a lembrança, a recordação alucinatória procura uma identidade de percepção com a experiência de satisfação, porém, e exatamente por isso, "não sabe como se satisfazer" e, sendo assim, "ver não basta ao desejo. Talvez nada lhe baste e nem

possa. Mais uma vez, com Adauto Novaes no mesmo texto, nos perguntamos: "Por que, muitas vezes, o objeto do desejo confunde-se com a embriaguez do próprio desejo?"

Por outro lado, a consciência, ao se encontrar com o objeto na realidade, se entristece. Se entristece por detectar a presença de algo inatingível que está naquilo ali, à disposição. É triste o olhar de quem deseja pois nele se aprisiona a tensão do ter que ver, do ter que conhecer aquilo que se apresenta como se isso pudesse ser a imagem do que se deseja. Assim, é o objeto o elemento que formaliza o desejo, aprisionando-o à imagem.

Por alguma razão, que ainda me parece estranha, a psicanálise se nutre da idéia da presentificação constante de um engodo, de uma mentira, da presença "interna" de um duplo, impostor, que vive em nosso espírito e que nos afasta constantemente da experiência da verdade, isto é, "o espaço visível atesta ao mesmo tempo minha potência de descobrir e minha impotência de realizar". Mesmo sem cuidar de esclarecer cada termo que uso, proponho que, olhando assim, a psicanálise parece pretender dizer que o homem - mesmo aquele que se encontra intimamente ligado à verdade - nasce e sobrevive em um espaço de ilusões: o corpo. Elas, as ilusões, limitam nosso encontro com a realidade⁽²⁾, e fazem, de nossos sentidos, os responsáveis por um não saber. Os sentidos, iludidos que são, assemelham a percepção ao saber. A consciência, diz Descartes, é engano, a percepção, dúvida, os sentidos são produtores de efeitos efêmeros que nos escapam. Para Lacan, em uma palavra: consciência é princípio de idealização e de desconhecimento! Lacan talvez concordasse em dizer que a linguagem é o único olho que vê, e vê porque olha dali onde ele não se encontra. O elemento faltoso do encontro é sempre aquele que não está; a saber, o sujeito possuidor do olho que vê: assim sendo, o desejo submetido à imagem se torna cativo desta imagem; dela constituído e a ela sujeitado, revela-se sujeito. Sujeito inconstante, fugaz, não passível de apreensão mas sim apreendido pelo fascínio enigmático da imagem.

(1) - Fogo Escondido, in "O Desejo", p. 11, Companhia das Letras, 1990.

(2) - Para mim, realidade é o real esmaecido, realidade é o real que passa pela embriaguez onírica e pertence ao homem capaz de sonho e pesadelo

Essa experiência adoece o espírito, o infecciona, o infecta de memórias que jamais poderão ser recuperadas. Elas "são, pois, as leis da imaginação que constituem esse tipo de conhecimento do primeiro gênero. A vida do homem entregue a esse conhecimento é uma vida de paixão. No princípio, é, pois, o efeito de um corpo sobre o nosso, e a constituição de idéias que representam o que chega até nós. Essas idéias são signos que afirmam a presença do corpo exterior, que podem ser tanto afecções atuais quanto a atualização ou presença de afecções passadas, vestígios que permanecem: o nosso corpo passa a ser, pois, 'morada dos deuses'. A partir daí, ingenuamente, o corpo se priva da presença do mundo.

Todo o problema está, portanto, não em como expulsar os deuses do nosso corpo, dos nossos sentidos: olhar e memória podem ser excitados por objetos presentes e ausentes, porém o que importa é que muitas vezes essa passagem sobre o corpo deixa marcas, presença de uma ausência. Muitas vezes, estabeleceu-se um doloroso contraponto entre o corpo, a alma e as coisas, sem que se pudesse definir claramente o que afeta o quê, uma vez que, no final das contas, são destinos associados que estão em jogo: se, de um lado, há coisas que nos tocam, de outro há a alma que contempla e interroga". (idem, p.15)⁽³⁾. Além disso, nós ainda acrescentaríamos que, do ponto de vista das coisas e dos objetos nós somos seres inexistentes e não passíveis de curiosidade. Em uma palavra, a lógica celestial não se ocupa dos sujeitos humanos como seres que lhe dizem respeito.

Seria bom lembrar, que Lacan está sempre opondo ao sujeito cartesiano um outro sujeito, um sujeito que radicalmente não pensa, é pensado. Do aforisma "penso logo sou" de Descartes, Lacan propõe um outro que descentra o sujeito da razão colocando-o primordialmente como sujeito do "isso", e propõe uma outra máxima "penso lo-gozou". É nesta visão, que nos revela para onde olha "o olhar" de Lacan, que encontramos a frase: "O modo de minha presença

no mundo é o sujeito, no que, à força de se reduzir a essa única certeza de ser sujeito, ele se torna nadificação ativa".⁽⁴⁾

De qualquer forma é necessário que se diferencie o sujeito deitado no divã daquele que está em ação. Foi "necessário" de alguma maneira - para Freud e para nós que seguimos sua tradição - que se pusesse o homem deitado" para que ele pudesse reconhecer como ele não é senhor de si, que ele é fundamentalmente aquele que não vê⁽⁵⁾ pois, quando sonha "ele é uma borboleta", e quando acordado, é aquele que "pode se perguntar se não é a borboleta que está sonhando que é Chuang-Tsé"⁽⁶⁾, ou seja, se a borboleta não é aquele que sonha e tem consciência disto. Este impecável pensamento de Lacan nos remete à borboleta capturada, à borboleta nada e, o que é pior, à borboleta que ninguém vê; aquela borboleta que ninguém pode conhecer e nem tampouco necessitar dela.

Lacan diz:

"A prova é que, quando ele (Chuang-Tsé) é a borboleta, não lhe vem à idéia se perguntar se, quando ele é Chuang-Tsé acordado, ele não é a borboleta que ele está sonhando ser. É que, sonhando que é uma borboleta, ele terá sem dúvida que testemunhar mais tarde que ele se representava como borboleta, mas isto não quer dizer que ele está capturado pela borboleta - ele é borboleta capturada, mas captura de nada, pois, no sonho, ele não é borboleta para ninguém. É quando está acordado que ele é Chuang-Tsé para os outros, e que está preso na rede deles, de pegar borboletas."⁽⁷⁾

Nem na lógica cartesiana, nem na lacaniana, é possível se imaginar uma borboleta que, no entanto, tatuada no corpo de uma mulher, possa ser escondida por uma roupa íntima qualquer. Ninguém a vê, ninguém pode conhecê-la a não ser que conhecer aqui adote o sentido bíblico, que equivale a freqüentar o corpo dessa mulher. Tanto para Lacan, quanto para Descartes, isto

(3) - Ver nota numero 1 no pé da página 3

(4) - Lacan, J. seminário 11, 1979, Zahar, p. 81

(5) - Lacan, J. seminário 11, 1979, Zahar, p. 76

(6) - Lacan, J. seminário 11, 1979, Zahar, p. 77

(7) - Lacan, J. seminário 11, 1979, Zahar, p. 77

não seria passível de consciência nem de conhecimento pois, para Lacan o corpo só se presta para ilusões estéticas que confirmam tenazmente que o sujeito que vê, vê apenas a língua que o fala, " uma vez que o sujeito tenta acomodar-se a esse olhar, ele se torna esse olhar, esse objeto punctiforme, esse ponto evanescente, com o qual o sujeito confunde seu próprio desfalecimento."⁽⁸⁾ Sendo assim, diante da lógica lacaniana, o apetite masculino pelo corpo feminino é resto decaído, que encontra sua formatação no coito. Para quem olha, nada revela e, para quem executa, nada garante. Como seres corporais, o sujeito que se apresenta no corpo de uma mulher é outra " nadificação ativa" que nós embriagados. apreciamos. O que ali saboreamos é pura imaginação, pois o que vemos é cegueira e o que experimentamos é o cadáver saboroso de alguém que nunca esteve ali, uma vez que é linguagem. Talvez aqui eu pudesse introduzir um outro aforismo, que partindo do "penso logo sou" chegue a um " penso logo sou", ou seja, do cógito ergo sum, para, o cógito ergo sudo, e que, em si mesmo contenha uma verdade imperfeita que só a ação permite.

Descartes, em suas "Meditações", afirma:

"Tudo o que recebi, até presentemente, como o mais verdadeiro e seguro, aprendi-o dos sentidos ou pelos sentidos: ora, experimentei algumas vezes que esses sentidos eram enganosos, e é de prudência nunca se fiar inteiramente em quem já nos enganou uma vez".⁽⁹⁾

Aqui também vemos que o sujeito que pensa não pode ser aquele que percebe e o que goza não é o que sua. O sujeito do cógito deve tentar despossuir o mundo dos sentidos que vem do corpo. é necessário que se crie uma linguagem, um código ou um sistema próprio de notação para que o homem deixe de ver com o olho que olha, para ver com uma álgebra sem corpo. O olho da álgebra, para Descartes, garante a verdade, o do corpo, a ilusão. E, para Lacan, nem a álgebra nem o corpo podem olhar ou ver qualquer verdade, porque, aquilo que se vê é mancha, é anamorfose e, mais que isto, já não sou eu quem olho, pois,

diante do espaço iluminado, sou eu quem sou olhado pelo objeto que olho. Aqui, mais uma vez, o sujeito (seja ele o do corpo, seja ele o do cógito) perde o seu centro; mais uma vez nadificado produz suas construções cognitivas, científicas ou míticas e também suas tatuagens, que só podem se sustentar como divertimento humano cotidiano enquanto se aguarda a morte desse corpo que é, mas nada vale diante do supremo saber do símbolo e da álgebra matemática.

Assim do homem deitado no divã àquele que perscruta os acontecimentos na tela de um acelerador molecular - ele observa seu corpo e os corpos dos objetos com o olho da língua; nada pode ver senão seu desejo refletido a constituir seu olho, pois " vendo-se ver", só vê, por se recusar a ver. Portanto, à luz desse olhar, o corpo fica ali depositado em estado de coma, sustentando dois hóspedes que não o desejam e que se odeiam mutuamente. A saber: o sujeito do cógito e o do inconsciente.

para Durval Mazzei Nogueira F^o

Emir Tomazelli.

Professor do Curso : Formação em Psicanálise.

RECORTANDO MAX PAGÉS: CONCEITOS REDUTORES DA RELAÇÃO EM FREUD E NA PSICANÁLISE.

Max Pagés é um autor não psicanalista, psicossociólogo, professor de Psicologia Social na Universidade de Paris - Dauphine. Em seu clássico " A vida Afetiva dos Grupos: Esboço de uma Teoria da Relação Humana" ⁽¹⁾, publicado em 1975 e escrito em uma abordagem existencial humanista, visa a construção de uma teoria geral dos grupos fundada sobre o conceito de relação. Tem o conceito de relação humana como o conceito-chave para a compreensão dos grupos humanos e dos indivíduos. A relação humana é definida como " a experiência afetiva da descoberta do outro, quando esta descoberta é

⁽⁸⁾ - Lacan, J. seminário 11, 1979, Zahar, p. 83

⁽⁹⁾ - 1ª Meditação, Descartes, R. - 1983, Ed. Abril, p. 85/86.

⁽¹⁾ - Pagés, M.

feita coletivamente no encontro presente com outros homens"⁽¹⁾.

A Parte I refere-se à história do Grupo da Baleia, uma descrição e análise de um grupo de formação. A parte II apresenta uma teoria geral da vida afetiva dos grupos e a III apresenta os métodos e a epistemologia da prática e da pesquisa psicossociológica.

O autor acredita estar separado dos pontos fundamentais da Psicanálise, teórica e metodologicamente, mas reconhece o valor da terapia psicanalítica, inclusive da própria análise para a publicação deste livro. Entretanto, pensa que a eficácia da terapia psicanalítica, em geral, fica diminuída e o tratamento se torna mais lento "por toda espécie de barreiras defensivas que o método psicanalítico interpõe na relação entre o terapeuta e o paciente e que podem ser eliminadas". Em relação à teoria psicanalítica considera ter esta uma concepção instrumental da relação humana, reduzindo a relação aos instintos possessivos (libidinais) e aos destrutivos. Ainda concorda com Balint de que as teorias psicanalíticas descrevem insatisfatoriamente a relação paciente-terapeuta.

Consegue recolher e fundamentar teoricamente tudo o que foi escrito do impressionante desenvolvimento dos métodos de grupo, que até a publicação desta obra apenas tinham sido apresentados empiricamente por outros autores. Faz uma série de análises críticas a respeito das diversas teorias, da lewiniana à psicanálise, sob o fio condutor de sua própria teoria da relação humana.

Neste recorte, vou apenas salientar algumas críticas feitas por Pagés - em um dos capítulos da Parte II - a Freud e à psicanálise. Para saber de todo o contexto da obra e de todas as críticas ali contidas aos diversos corpos teóricos e metodológicos de grupos, bem como para dar conta de todas as respostas explicativas encontradas pelo autor no contexto de sua própria teoria, fica aqui uma provocação e um

convite ao leitor que se interesse por esse trabalho.

No capítulo destinado a pensar as concepções freudianas sobre grupos, presentes na "Psicologia de Grupo e Análise do Ego", de 1921⁽²⁾, a par com as concepções, na mesma obra e na "Introdução ao Narcisismo", de 1914⁽³⁾, a respeito das modalidades fundamentais de relação, Pagés trata com atenção especial aqueles conceitos freudianos que, segundo ele, empobrecem pelo reducionismo a relação humana.

O autor primeiramente analisa e critica o(s) conceito(s) de identificação e a tipologia de escolhas amorosas em Freud - escolha de objeto narcísica e escolha de objeto analítica. Inclina-se a favor de derrubar a tese freudiana da dualidade primitiva da relação amorosa ("ser" e "ter"), considerando que a relação primitiva pode ser descrita como o efeito de uma tendência à assimilação do sujeito e do objeto, agindo indiferenciadamente - uma única relação amorosa primitiva, que sintetiza o "ser" e o "ter", a identificação e a escolha de objeto, como um desejo de união universal.

Considera, também, que é válido interpretar as outras formas de identificação descritas por Freud além da identificação primária, como produtos de uma diferenciação libidinal ulterior desta relação primitiva fundamental. É o caso da identificação secundária edípica, parental e fraterna.

Pagés conclui que a relação com o outro é, para Freud, essencialmente do tipo possessivo - com base numa tendência primitiva à apropriação - e do tipo destrutivo da realidade do outro. O outro para Freud "é apenas o prolongamento dos desejos do sujeito, uma emanção do próprio sujeito".⁽¹⁾ A relação resulta do narcisismo primário (satisfação das necessidades) ou do narcisismo secundário (amor de si mesmo). "O outro nunca é considerado, pelo menos primitivamente, senão como objeto de satisfação de desejo ou como obstáculo do desejo"⁽¹⁾. E mais, o problema permanece mesmo nas formas

(1) - Pagés, M.

(2) - Freud, S.

de relação humana mais evoluídas, que correspondem a um reconhecimento e a um amor mais autênticos pelo outro e que, em Freud, poderiam ser encontradas no amor genital adulto. Isto porque estas formas de relação humana "constroem-se no final de um processo complicado e frágil, por uma série de mecanismos de interiorização dos instintos de posse e de destruição, que permitem dar figura humana ao outro, primitivamente objeto do desejo ou obstáculo do desejo"⁽¹⁾. Assim, diz Pagés, na psicanálise freudiana, a relação humana autêntica é ilusória, um fenômeno secundário, do qual se pode duvidar da realidade: "o outro só existe para mim como objeto perdido do desejo"⁽¹⁾. O desejo, contraditoriamente e ao mesmo tempo, é o que funda o outro e o que o encobre; o que oculta para o sujeito, a realidade do outro.

Para Pagés esta é a concepção instrumental da relação reduzida a instintos possessivos e destrutivos, impotentes para fundar o reconhecimento da realidade do outro. A relação com o outro surge, no seu fundo original, como uma negação radical da alteridade do outro.

Este é apenas um exemplo sugestivo do que trata o livro. Não cabe a este recorte discutir estas críticas, nem outras tantas feitas à psicanálise neste livro de quase quinhentas páginas. O próprio autor, sete anos depois, no prefácio à segunda edição, penitencia-se de sua acirrada crítica, afirmando mesmo que o livro foi escrito dentro de uma posição existencial ingênua, na qual o livro parece assexuado, platônico e idealista, negando, sobretudo, a questão dialética. Cabe aqui, sim, a indicação para a leitura do livro, pois considero que as perguntas e críticas ali contidas, bem como as respostas encontradas pelo autor - algumas delas até "erradas" se olharmos do ângulo psicanalítico - serão de extrema utilidade a qualquer psicanalista que se interesse por teoria da relação humana ou por teoria e técnica psicanalítica de grupos, especialmente pelos temas do narcisismo e das identificações. Talvez até para refletir e repensar as respostas que a psicanálise tem dado ou venha a dar a respeito de tais colocações. Uma forma de nos forçarmos a entrar no referencial do outro

⁽¹⁾ - Pagés, M.

para contra argumentar com posições psicanalíticas, já conhecidas ou inovadoras, de modo a bem fundamentá-las dentro de cada um de nós e dentro do corpo teórico da ciência em geral e da psicanálise em particular. Um modo de ampliar as possibilidades do psicanalista e da psicanálise, teórica e tecnicamente, saindo de nosso referencial, às vezes tão fechado que nos impede de nos entendermos mesmo entre nós.

BIBLIOGRAFIA

(1) PAGÉS, M. - "A Vida Afetiva dos Grupos: Esboço de uma teoria da relação humana" - Petrópolis - Ed. Vozes - 1982.

(2) FREUD, S. - "Psicologia de Grupo e Análise do Ego" - In Obras Completas - R.J., Imago Ed. 1976.

(3) FREUD, S. - "Sobre o Narcisismo" - In Obras Completas - R.J., Imago Ed., 1976.

MARIA LUIZA SCROSOPPI PERSICANO.
Professora do Curso: Formação em Psicanálise.

III - ARTIGOS:

"UMA ABORDAGEM FREUDIANA À COMPREENSÃO DO DESENVOLVIMENTO PSICÓTICO"

"Uma abordagem freudiana à compreensão do desenvolvimento psicótico" é o resultado de uma interação prolongada entre um foco de interesse e afinidade teórica com a realização prática do ensino da psicanálise num curso de formação. Sua intenção fundamental é traduzir uma síntese organizadora de uma das leituras freudianas possíveis, como modo de aproximação ao fenômeno psicótico.

Como síntese, o texto traz o universo teórico-conceitual freudiano em todo seu alcance metapsicológico destacando as noções de

aparelho psíquico e dinâmica pulsional na perspectiva do desenvolvimento enquanto interações intra e inter-subjetivas.

Supõe Freud (1900), que nos primórdios do desenvolvimento, a mente humana tenha passado por uma estágio funcional que se compararia ao esquema de um aparelho reflexo. Mobilizado desde a excitação sensorial, qualquer que fosse sua procedência, o aparelho psíquico daria conta de processar a descarga desta excitação ao longo de uma via motora com vistas a manter tão baixo quanto possível o nível energético.

Para tanto, as excitações produzidas por necessidades internas buscam descarga no movimento como forma de expressão emocional. O bebê com fome grita e se agita impotentemente, e no entanto, sua situação permanece inalterada, já que o motivo da excitação não é momentâneo e uma mudança só pode ser efetiva quando a necessidade for atendida desde uma fonte externa adequada.

O atendimento da necessidade trará para o aparelho psíquico um registro indelével, o registro da experiência de satisfação, a qual permanecerá desde então disponível na forma de traço mnêmico.

Daí por diante o surgimento da necessidade trará um impulso a reinvestir a imagem mnêmica da vivência de satisfação. Temos aí a inscrição do desejo!

A satisfação promovida pela via da reativação do traço mnêmico da experiência de satisfação atende assim a uma modalidade alucinatória, numa tentativa do aparelho para estabelecer uma identidade perceptiva.

A inevitável falibilidade da tentativa alucinatória não dá conta portanto de resgatar a satisfação e a necessidade persiste, obrigando o aparelho a modificar-se na direção da atividade mental secundária, que virá a se desenvolver na forma do pensamento. Eis para Freud os dois caminhos da mente; um que se estabelece na tentativa de reativar o traço mnêmico da experiência de satisfação, modelo chamado de regressivo. No

outro modelo estaria em curso a perscrutação da realidade para distinguir nela a verdadeira fonte de satisfação.

Nesta direção de desenvolvimento, a mente humana teria portanto que se adequar às condições da realidade buscando uma verdadeira identidade de percepção e ao mesmo tempo, reprimindo o impulso a reinvestir o traço mnêmico que promoveria a satisfação alucinada.

O que foi dito até aqui nos conduz a uma conclusão que poderia ser expressa na afirmação de que o aparelho mental se orienta na direção do prazer e se afasta da tensão causadora do desprazer. Para integrar a realidade, no entanto, a consciência, que havia sido descrita como um órgão destinado à apreensão de qualidades psíquicas providas tanto do sistema sensorial periférico quanto aquelas excitações de prazer e desprazer que se registram a partir das transposições de energia no interior do aparelho, precisaria se modificar para tornar menos dependente o curso das idéias, da presença ou ausência do registro de prazer.

A meu ver, chegado esse ponto da descrição das experiências psíquicas primordiais, cabe compreender e integrar teoricamente os movimentos estruturantes da mente como a concebeu Freud (1900). O início dessa estruturação, que seria a grande modificação no modelo assemelhado ao "arco reflexo", se daria através da repressão primária, ou seja a primeira interdição à realização imediata do desejo.

Revela-se nesse momento o respeito à necessidade de sobreviver que inclui e fomenta o desenvolvimento do teste da realidade como caminho de integração para os recursos do processo secundário único, aliás, capaz de continuar a garantir a consecução do prazer, ainda que postergado!

Gostaria de avançar um pouco mais procurando resumir o que define processo primário e processo secundário, caracterizando respectivamente o modo de funcionar do sistema inconsciente e do sistema pré-consciente-consciente. No processo primário, como fica claro na satisfação

alucinatória do desejo, as intensidades energéticas são muito mais móveis, perseguem a identidade de percepção e admitem modos de operação como o deslocamento e a condensação. Incluem-se ainda como características do funcionamento do processo primário, a condição de intemporalidade e finalmente acrescentaria o fato de que todo esse arranjo de disponibilidades mentais está a serviço do princípio de prazer.

O processo secundário, por sua vez, está a serviço do princípio de realidade e voltado portanto à consecução da integração crescente da realidade externa em oposição ao que acontecia no processo primário quando a alucinação do desejo tinha primazia sobre o teste de realidade.

Nesta passagem do processo primário ao secundário gostaria de incluir outra das contribuições freudianas para a compreensão da mente humana. Com as noções de representação de coisa e representação de palavra temos caracterizados dois modos de inscrição ou registros mentais. A representação de coisa, predominantemente visual é ligada topicamente ao inconsciente e a representação da palavra, por sua vez, predominantemente acústica na sua derivação dos restos verbais, estaria disponível no sistema pré-consciente.

Na vigência do processo primário eram as representações de coisa que se reinvestiam alucinatoriamente na tentativa de obter a vivência de satisfação. No processo secundário a energia não circula com a mesma mobilidade; as representações de palavra estão constantemente investidas, mas por uma intensidade energética menor. deslocam-se pequenas cotas de energia no processo associativo das representações de palavra que configura o ato psíquico experimental do pensar - e oportunamente, na conveniência adaptativa do indivíduo, poderá ou não se transformar em ação mediante a obtenção de uma identidade de pensamento.

Freud (1915) afirma que mesmo as representações de palavra podem ser investidas alucinatoriamente como as representações de coisa. Isso pode acontecer dentro de uma situação regressiva: em condições normais como no sono

onde se produz o sonho ou em condições patológicas como na psicose esquizofrênica.

Como modelo estrutural da segunda tópica foi possível a Freud (1923) repensar e recolocar situações de dinâmica mental que aqui, gostaria de utilizar com o interesse específico de ampliar a visão do acontecimento mental nas psicoses.

As noções de ego, id e superego tal como foram definidas, podem nos permitir uma nova cena de conflito psíquico. Uma cena onde o ego em sua relação essencial com o processo secundário não exclui a existência de situações relativas a processo primário no que toca à mobilização de suas atitudes defensivas inconscientes. O id, grande reservatório das pulsões, onde se situam as dotações herdadas da personalidade e o reprimido nunca comunicável diretamente ao ego. Lugar da ausência da palavra, lugar da coisa em si, do indivisível! O superego, instância crítica e vigilante, modelo oferecido ao ego na forma de um ideal. Herança das identificações parentais como saída de um momento estruturante da mente, onde o temor da castração fez capitular a atitude narcisista de um ego ideal. Onde havia o ego ideal, surgiu o ego da interdição, da aceitação da lei, que persegue e é perseguido pelo ideal do ego.

Freud (1924) nos fala da psicose como resultado de um intenso conflito mental que se configura a partir do abandono pelo ego dos ditames da realidade em nome dos apelos impulsivos do id. Diferentemente do que acontece na neurose, quando o ego, através da repressão, interdita a realização do desejo com quanto não seja na forma de uma solução de compromisso, ou seja, como parte componente do sintoma neurótico.

A compreensão da patologia psicótica não estaria suficientemente explorada sem a inclusão da evolução da dinâmica pulsional na perspectiva do desenvolvimento egóico.

Como é sabido, a teoria da pulsões na obra de Freud passa por vários momentos diferentes, que no entanto incluem sempre um ponto de vista dualístico. A princípio, a oposição se faz entre pulsões libidinais e pulsões de autoconservação; mais tarde, a partir de 1910, entre pulsões

libidinais e pulsões do ego; até chegar, em 1920, a sua formulação final quando opõe pulsão de vida à pulsão de morte.

Sobre esta evolução da teoria das pulsões haveria muito o que especificar e detalhar, mas me permito aqui fazer uma escolha e usá-la para me aproximar do tema das psicoses. Isto posto, será necessário incluir na descrição feita há pouco, a relação do ego com as pulsões de vida e morte.

Na verdade todo o caminho descrito desde o processo primário até o processo secundário envolvendo princípio de prazer e princípio de realidade está matizado pela demanda das pulsões e a demanda da realidade.

Cada uma das estruturas mentais (id, ego e superego), tem uma situação muito específica na configuração mental, dependendo exatamente da maneira como se relaciona com as pulsões e a realidade. A relação com as pulsões delimita uma área conflitiva desde sempre, na medida em que cada uma delas demanda resoluções diferentes.

As pulsões de vida incluiriam, além das pulsões sexuais, as pulsões de autoconservação e teriam como característica a tendência à sistematização e organização cada vez maior e mais complexa do organismo vivo. Já a pulsão de morte se caracterizaria por tendências exatamente opostas que imporiam ao indivíduo a busca de um estado de completa fusão onde não se experimentaria nenhuma forma de discriminação, nem mesmo a existência do desejo como brecha para um possível registro da falta. Temos aí o caldeirão das pulsões que dá conta, junto com o reprimido, de ser representado pela estrutura conceitual definida por Freud (1923) como id.

Evidentemente a relação quantitativa final das pulsões refere algo da dotação constitucional de cada indivíduo, e sem dúvida tem grande responsabilidade no amálgama pulsional através do qual o indivíduo vai se relacionar com o mundo. Naturalmente esse amálgama das pulsões que alcança o mundo externo irá, de forma inevitável, ser moldado por ele, na medida da maior ou menor adequação dos vínculos primordiais da criança, essencialmente no que se

refere à capacidade de experimentar satisfação de suas necessidades físicas e psicológicas.

A predominância da pulsão de vida no amálgama pulsional defletido para o mundo externo será um dos fatores principais a atuar como condicionador da evolução normal da mente. A situação contrária a essa será, sem dúvida, a grande facilitadora do evoluir psicótico, já que tornará especialmente difícil ao ego o acatamento do princípio de realidade forçando o ego a um extremo apego ao princípio de prazer e ao processo primário, pois o modelo de aparelho psíquico, que nessas condições se estrutura, é o mais simplificado e imediatista, na medida em que opera a descarga pulsional buscando predominantemente a identidade de percepção a partir da energia livre.

Poderíamos dizer que o princípio de realidade só pode se estabelecer quando o bebê tem garantida a introjeção da realidade por uma base libidinal consistente que possa dominar as ameaças da pulsão de morte. Ameaças que, em resumo, poderiam ser expressas como uma total impossibilidade de confiar e se relacionar com o mundo externo e com os próprios sentimentos decorrentes dessa interação.

Para compreender a estrutura da mente psicótica temos que ir além do enunciado da polarização do conflito nas formas descritas acima. Torna-se necessário entender que mecanismos estão em jogo na psicose a ponto de permitir que a relação com a realidade possa ser tão escamoteada e deturpada!

Quero fazer referência a um mecanismo de defesa que, segundo Freud (1894), estaria em ação na psicose e que estaria facultado ao ego na forma da rejeição. Na rejeição, a realidade ou parte significativa dela, não seria integrada pelo ego. A mente psicótica seguiu desde o início um caminho diferente: onde teria que estar a repressão esteve desde logo a rejeição e, portanto desde aí, não se estruturaram, como na mente que dispõe da repressão, limites adequados ao desenvolvimento de um ego capaz de mediar, através de suas funções, as demandas das pulsões e da realidade. Falo de um ego que não abriu mão do princípio de prazer, numa avassaladora concessão aos

apelos pulsionais. Um ego condenado, portanto, à materialidade sensorial da coisa em si, incapaz que é, de formar e operacionalizar representações simbólicas que pudessem lhe permitir a introjeção da realidade e dos conceitos lógicos que a norteiam.

Pior que isso, um ego isolado na sua atitude onipotente e negadora, que rejeita a percepção da dependência e a possibilidade de experimentar frustração. Por isso mesmo o contato com a realidade se torna cada vez mais impraticável restando apenas tentar modificá-la alucinando a "realidade do desejo".

Isso implica que não serão desenvolvidas, ou pelo menos, não de forma adequada, as funções egóicas que permitiriam uma verdadeira modificação da realidade. Por exemplo, a discriminação crescente dos sinais que permitem ao bebê perceber o seio saciador e procurar por ele quando se sentir necessitado. Refiro-me fundamentalmente ao desenvolvimento da percepção e do pensamento como formas do ego constituir a realidade tanto externa quanto interna, levando em consideração a acatando sua incompletude sem precisar rejeitá-la e consequentemente evoluir para a psicose.

BIBLIOGRAFIA:

- FREUD, S.. - OBRAS COMPLETAS - IMAGO Ed.,
- Manuscrito, K. - 24/01/1894.
- Neuropsicose de Defesa - Parte III, 1894.
- Projeto Para Uma Psicologia Científica, 1950 (1895): parte I - sessões 11, 15, 16, 17 E 18 - parte II - sessões : 1
- Novos Comentários Sobre as Neuropsicoses de Defesa - parte III (1896).
- Interpretação dos Sonhos - Cap. VII (1900).
- Notas Psicanalíticas Sobre um Relato Autobiográfico de um Caso de Paranóia (caso Schreber), 1911.

- Formulações Sobre os dois Princípios do Funcionamento Mental, 1911.
- Sobre o Narcisismo: Uma Introdução, 1914.
- Os Instintos e suas Vicissitudes, 1915.
- Repressão, 1915.
- O Inconsciente, 1915.
- Suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos, 1917 (1915).
- Luto e Melancolia, 1917 (1915).
- Um Caso de Paranóia que Contraria a Teoria Psicanalítica da Doença, 1915.
- Conferências Introdutórias sobre Psicanálise, 1916 - 1917 (1915 - 1917) Conferência XXVI.
- Além do Princípio do Prazer, 1920.
- Alguns Mecanismos Neuróticos do Ciúme, na Paranóia e no Homossexualismo, 1922.
- O Ego e o Id, 1923.
- Neurose e Psicose, 1924 (1923).
- A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose, 1924.
- A Negativa, 1925.
- Inibição Sintoma e Angústia, 1926.
- Fetichismo, 1927.
- Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise, 1933 (1932 C. Xxi).
- Esboço de Psicanálise, 1940(1938) parte III - Cap. VIII e XI.
- A Divisão do Ego no Processo de Defesa, 1938.

JOSÉ CARLOS GARCIA

Professor do Curso: Formação em Psicanálise.

"AUTOEROTISMO"(*)

O autoerotismo surge na obra de Freud solidário de sua teoria das pulsões. Ele está inscrito na linha de uma concepção ampla da sexualidade, que a desvincula dos limites existentes, até então, da genitalidade e do surgimento tardio na puberdade.

Nesse sentido, o autoerotismo se transforma em peça chave de uma nova concepção do sexo, que estende o papel do genital ao corpo todo e o coloca como experiência primordial desde o começo da vida.

O termo, tomado emprestado de H. Ellis, é inicialmente usado por Freud para definir um modo particular de expressão da sexualidade dita "infantil", de não precisar de um objeto para sua satisfação.

"A sexualidade infantil é autoerótica", diz Freud nos "Três ensaios para uma teoria sexual" de 1905, querendo dizer que não precisa de um parceiro para existir, se satisfaz no próprio corpo e o exemplo dos "lábios que se beijam a si próprios" se transforma na ilustração clássica desse tipo de atividade.

Este modo de definição tem engendrado em sua aparente simplicidade uma série de confusões e ambiguidades, tanto na própria obra de Freud, como em seus leitores e continuadores.

Propõe Freud a existência de uma fase anobjetal no começo da vida? A prescindência do parceiro equivale a anobjetalidade?

O texto de 1905 é nesse sentido bastante claro. O prazer correlativo a esta atividade autoerótica, diz Freud, é um prazer já experimentado, já vivido. É justamente a revivência desse prazer o que funda a atividade autoerótica.

O conceito de apoio vem complementar o de autoerotismo: a sexualidade nasce, segundo Freud, apoiada na satisfação das pulsões de autoconservação e justamente a experiência de

satisfação da necessidade é a que é revivenciada autoeroticamente, quer dizer, em ausência desse auxílio externo, sem o qual a criança, desamparada biologicamente, incapaz de procura autônoma, encontraria sua morte física.

É a partir de representações aportadas por um outro que é possível pensar em atividade autoerótica.

O autoerotismo não é então um produto anobjetal, senão um resultado da "relação de objeto", de um objeto Outro do qual o sujeito nada sabe mas que o organiza e funda como sujeito e como objeto.

O conteúdo representacional que acompanha esse prazer de órgão, esse conteúdo mental que provém desse Outro, essa ensonhação, fantasia que acompanha o autoerotismo, constitui para muitos seu "objeto".

A fantasia seria objeto da atividade autoerótica.

A "Introdução do conceito de narcisismo", em 1914, traz uma outra linha de reflexões que reorganizam e recolocam a noção do autoerotismo.

No texto, Autoerotismo, Narcisismo e Escolha de Objeto são colocados em uma sequência que assinala degraus de complexidade do psiquismo, como também uma relativa oposição, ou melhor, uma definição interligada de cada uma dessas noções.

A preocupação de Freud continua sendo sua teoria das pulsões, da sexualidade; mais especificamente, sua validade em relação ao campo da psicose, pouco explorado até então, e motivo de questionamentos por parte de Jung.

O auto-erotismo é proposto como momento inaugural do surgimento da sexualidade, momento caracterizado pela falta de um organizador, de um "eu", novo ato psíquico, como é chamado no artigo "Introdução ao narcisismo", de 1914, e a condição necessária para o segundo momento, o do narcisismo.

(*) - O presente trabalho é a transcrição de minha participação numa mesa-redonda sobre AUTOEROTISMO, num enfoque Kleiniano, Lacaniano e Freudiano. Coube-me o último enfoque e estava destinado aos alunos do curso de Graduação em Psicologia da USP. Esta circunstância marca o conteúdo do texto.

A libido passaria, depois, do ego aos objetos, como do corpo da ameba a seus pseudópodes, na clássica metáfora usada por Freud. Libido do eu, libido objetal, posições opostas em equilíbrio instável sempre conflitante. O investimento de objeto pode voltar a ser do eu o que constitui o narcisismo secundário em relação ao primário ou original.

A megalomania psicótica é pensada como expressão desse narcisismo secundário: a libido que investia os objetos é retirada deles e reinvestida no "eu", sendo o delírio megalômano a tentativa restitutiva, explicação (delirante) das mudanças no plano do investimento sexual.

Os fenômenos psicóticos são uma das justificativas usadas por Freud para introduzir esta nova concepção que tão fecunda se mostraria para o pensamento psicanalítico.

O narcisismo, daí em diante, vai se transformar em eixo teórico que acabará por engolir o do autoerotismo, ao ponto de Freud expressar na conferência de 1917, dedicada ao assunto, que "o autoerotismo é a expressão do narcisismo".

Seja como for, ele acaba herdando os engodos teóricos da noção anterior. De novo se volta a colocar a questão da anobjetalidade, agora em relação ao narcisismo dito "primário".

Curioso, porém, que no mesmo texto de 1914 atribua Freud aos pais o papel de narcisizadores, pois projetam no bebê (his majesty) seu próprio narcisismo.

O narcisismo e o eu que o inaugura podem ser pensados como efeito dessa tal narcisização por parte de adultos que procuram um suporte a seu próprio narcisismo e o encontram (no melhor dos casos) nesse pequeno ser inerte e desamparado.

Seja como for, supomos nos ditos pais, a existência de um aparelho mental constituído, de uma sexualidade exogamizada, organizada em torno da proibição do incesto, para os quais o bebê não é mais que uma oportunidade de realização fantasmática de um desejo inconsciente reprimido.

Demorará Freud ainda alguns anos para conceitualizar essa relação narcisizante em termos da castração materna.

A noção de autoerotismo, ou de narcisismo primário, que em parte vem a reelaborá-la, forma parte conjuntamente com outras, como as de Identificação primária, Repressão primária, de uma série de esforços na teoria psicanalítica, para dar conta da origem, por não dizer da gênese do psiquismo. Efetivamente, o nascimento de um bebê supõe o desafio para os psicanalistas de dar conta de como, e através de que processos, vai ser construído um aparelho mental capaz de pensar, de falar, de gozar.

Este desafio não deixa hoje de aguçar a mente do teórico e envolve riscos que nunca será demais assinalar. O realismo, em parte necessário, em especial quando se escolhe uma linha de reconstituição genética, oculta, às vezes, o caráter hipotético, ficcional, da reconstituição. A preocupação pela origem do psiquismo, pelos primeiros atos que o fundam, supõe sempre uma solução mítica, que na obra de Freud pode passar pela constituição de uma primeira vivência de satisfação, ou pela repressão primária, ou pela suposição de um narcisismo primário a partir do qual se organizem os investimentos objetais.

A este realismo genético tem-se oposto uma saída estrutural, que renuncia à reconstituição e situa a origem como momento lógico da estrutura como um todo. A alternativa estrutural se apresenta então como um caminho válido que resgata a psicanálise de um empirismo ingênuo e lhe abre melhor as portas de outros campos do pensar humano: lingüística, antropologia, filosofia.

Mas a articulação teórica exerce, também, seu poder de fascinação totalizante, e quanto mais se insiste em seus limites, maior é seu efeito de "verdade".

A essência do descobrimento freudiano, o inconsciente, esse desconhecido, esse estranho e familiar, é sempre arredo a deixar-se capturar pela elaboração do teórico ou pela sua teoria.

Por outro lado, se algo separa a elaboração teórico-clínica psicanalítica de qualquer outra, é

a pergunta, sempre renovada à respeito do sujeito que teoriza. Não por acaso Freud se questiona em relação aos delírios de Schreber, se sua própria teoria da libido não coincide com a dele, quer dizer, se não comporta uma parte de delírio.

Se a obra de Freud continua sendo hoje modelo e fonte inspiradora para os psicanalistas é não só pela originalidade de suas soluções, muitas vezes míticas, senão também pelo levantamento de problemas até hoje válidos e sobretudo por essa combinação tão especial de rigor e exigência teórica, com uma submissão à clínica que o fez, mais de uma vez, abdicar de posições teóricas extremamente elaboradas em favor de outras que

achava melhores para continuar pensando esse "real" inconsciente de que teorização nenhuma dará conta suficientemente.

No fim, é no "Além do princípio do prazer" que citando, Freud diz:

"O que não se pode pegar voando há que alcançá-lo mancando.

A escritura diz: mancar não é pecado".

OSCAR MIGUELEZ

Professor do Curso : Formação em Psicanálise.

EXPEDIENTE

Capa: Vicente Silvio Nogueira

**Secretariado e Digitação : Célia Maria Dória Frascá
Scorvo e Elizabeth de Cassia S. Ferreira.**

**Queremos desde já agradecer ao SEDES
SAPIENTIAE e equipe pelo zelo e dedicação a nós
dispensado, sem o qual este não seria possível.**

COMISSÃO EDITORIAL

Claudia Paula Leicand

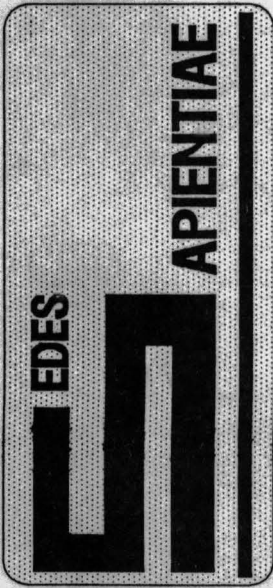
Ede De Oliveira Silva

Emir Tomazelli

Maria Luiza Scrosoppi Persicano.

Projeto gráfico e diagramação: Plínio Sousa

- CPD - SEDES



R. Ministro Godoy, 1484
05015/001 - Perdizes - São Paulo - SP

**BOLETIM
FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE
ANO I - VOLUME II
MAIO/JUNHO 92**

IMPRESSO

